

A comunicação do sagrado na liturgia

The communication of the sacred
in the liturgy

*Leomar Antônio Brustolin**
*Tiago de Fraga Gomes***

Resumo: O horizonte litúrgico é a ação econômica de Deus na história. A imanência dos gestos simbólicos visa intermediar a transcendência significativa do sagrado celebrado na ação litúrgica. A densidade mística da Igreja emerge da graça divina e ajuda a superar as tentações do juridicismo doutrinal e institucional e do rubricismo normativo e estético. Com Romano Guardini pretende-se aprofundar o espírito da liturgia a partir do questionamento sobre o que está vivo hoje, e que é capaz de fazer o crente experimentar o mistério na celebração. Para isso, o indivíduo e a comunidade precisam ser educados e formados para compreender em que consiste a essência da ação litúrgica. O ser humano inteiro é sujeito da atividade litúrgica. Uma liturgia simbólica, encarnada, orante e meditativa é um ideal a ser buscado a fim de que a comunicação do sagrado se efetive na liturgia.

Palavras-chave: Liturgia; Comunicação; Sagrado; Mistério; Celebração.

* Doutor em Teologia pela Pontificia Università San Tommaso. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCRS. Bispo auxiliar da Arquidiocese de Porto Alegre.

** Doutorando em Teologia pela PUCRS. Bolsista da CAPES.

Abstract: The liturgical horizon is God's economic action in history. The immanence of symbolic gestures is intended to mediate the significant transcendence of the sacred celebrated in liturgical action. The mystical density of the Church emerges from divine grace and helps to overcome the temptations of doctrinal and institutional juridicism and normative and aesthetic rubricism. With Romano Guardini it is intended to deepen the spirit of the liturgy from the questioning about what is alive today, and that is capable of making the believer experience the mystery in the celebration. For this, the individual and the community must be educated and trained to understand the essence of liturgical action. The whole human being is the subject of liturgical activity. A symbolic, incarnate, prayerful and meditative liturgy is an ideal to be sought in order that the communication of the sacred takes place in the liturgy.

Keywords: Liturgy. Communication. Sacred. Mystery. Celebration.

Introdução

O objetivo deste artigo é estudar como se estabelece ou pode se estabelecer a comunicação do sagrado na liturgia cristã. Partindo da pergunta sobre a essência da ação litúrgica,¹ da experiência das comunidades católicas e da observação da prática litúrgica verificada na atualidade, questiona-se: quais elementos contribuem e quais impedem a correta compreensão da mistagogia na práxis cristã atual? Considera-se essa questão fundamental para ser abordada tanto a partir da teologia (*lex credendi*), como a partir das práticas celebrativas (*lex orandi*) nas comunidades brasileiras, após a celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II que empreendeu a renovação litúrgica, e que segundo Romano Guardini, é um exemplo típico do operar do Espírito Santo na Igreja.²

¹ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 46.

² Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 27.

A vida cotidiana está extremamente influenciada pelo consumo, pelo imediatismo, pela emergência da subjetividade, pelo pluralismo cultural e religioso, pela privatização da experiência religiosa. E quando os processos comunicativos se submetem ao mercado, privilegia-se o entretenimento e o espetáculo, e busca-se obsessivamente ouvintes, telespectadores, internautas e leitores a partir dos critérios da audiência e da mercantilização da imagem.³ Isso tudo se reflete na forma do humano se compreender neste mundo e determinam suas esperanças. Essa realidade tem propiciado a concepção de novos ritos, símbolos e celebrações que nem sempre se alinham à tradição cristã. Surgiram muitas outras formas de piedade, com imagens pouco relacionadas à revelação e distantes do mistério pascal. Cresceu a dissociação de culto e ética, liturgia e misericórdia.

Novas gerações de cristãos expressam um fenômeno globalizado: parecem ter uma nostalgia de um passado que não conheceram. Seus pais alcançaram a mudança do Concílio Vaticano II, pois a partir de então, puderam compreender as palavras da celebração e participar do ato litúrgico. Muitos jovens frequentadores das comunidades, contudo, constatam que alguma coisa de fundamental tenha faltado na transmissão e na recepção da reforma litúrgica conciliar. Desejar o passado é próprio de quem está insatisfeito com o hoje, de quem recebe do atual modo de celebrar pouco ou quase nada para a sua fé. Talvez tenham se renovado os ritos, mas o modo de viver e compreender a liturgia não avançou.

Muitas vezes, há uma busca ingênua do espetacular. A liturgia se torna fenômeno de atração, espetáculo, envolvimento e exaltação. Pretende-se fazer viver emoções fortes, sensações intensas, exaltarem os afetos em detrimento da interioridade, da racionalidade, do pensamento, do silêncio, e, sobretudo, da pobreza e da simplicidade dos meios e dos sinais por meio dos quais a liturgia cristã sempre se

³ Cf. CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, n. 25-26.

realiza. Diante de tantas liturgias espetaculares ou circenses, é preciso lembrar que a liturgia não sobrevive de surpresas impressionantes ou de invenções cativantes, mas vive da repetição solene que não exprime simplesmente o efêmero, e sim o mistério sagrado.

Para aprofundar e analisar o quanto a experiência do encontro com o sagrado se realiza ou não nas celebrações litúrgicas, este texto dialoga com o pensamento de Romano Guardini e o que ele designou *o espírito da liturgia*.⁴ Em sua obra, Romano Guardini se questiona não somente sobre o que vale sempre, mas o que está vivo hoje,⁵ capaz de fazer o crente experimentar o mistério na celebração. A liturgia não trata tanto do conhecimento quanto da realidade. Embora exista a ciência litúrgica que busca compreender o significado do evento litúrgico, a liturgia em si não é pura ciência, conhecimento, saber, mas é muito mais uma realidade plena que engloba tanto o saber quanto o fazer, o ordenar e o ser.⁶ Consequentemente, o indivíduo e a comunidade precisam ser educados e formados para compreender em que consiste a essência da ação litúrgica. O ser humano inteiro é sujeito da atividade litúrgica. Uma liturgia simbólica, encarnada, orante e meditativa é um ideal a ser buscado a fim de que a comunicação do sagrado se efetive na liturgia.

1. A *lex credendi* na liturgia

A experiência do mistério é uma experiência de sentido que procede fundamentalmente da livre decisão divina e se converte, pela fé, em regra e orientação para a existência humana. Na ação litúrgica, Deus vem ao encontro da interioridade humana, e a reconfigura com sua ação salvadora. “Deus ama o homem, ao qual dá tudo, essência e existência. Faz dele a única realidade que, em última análise, pode

⁴ Romano Guardini publicou em 1918 a obra *Vom Geist der Liturgie*, traduzida em italiano em 1930 pela Editora Morcelliana, Brescia, como *Lo spirito della liturgia*.

⁵ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 43.

⁶ GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 45.

ser objeto de amor: a pessoa. Deus, o ser pessoal por excelência, faz do homem o seu Tu.”⁷ É uma realidade incontestável que o ser humano é realmente pessoa, e o é à imagem e semelhança do Ser pessoal por excelência. Por isso, é possível afirmar que Deus é a condição e a garantia do eu humano, e o constitui numa atmosfera de liberdade, amor e respeito. Sobre esse paradigma erigi-se a *lex credendi* da liturgia.

No fundo, a interioridade humana vem de Deus e o ser humano só pode reencontrar o sentido de sua vida deixando-se tocar pelo mistério fontal de sua existência. Nesse sentido, viver a liturgia significa “despertar as profundidades naturais do homem”⁸ e assumir a Cristo como o fundamento e a regra da própria existência, deixando-se transformar pelo dom divino da graça que irrompe na concretude humana.⁹ O mistério divino, absolutamente vivo, completamente ativo e puramente atual,¹⁰ só pode ser apreendido pela fé, a qual precede a ação litúrgica. Apesar de ser uma criatura do mundo, no ser humano eleva-se a presença do próprio Deus vivo que age com graça e verdade, a fim de infundir na pessoa humana uma vida nova, tornando-a partícipe da natureza divina, e conduzindo à plenitude o plano original da criação numa perspectiva crística escatológica.¹¹ O assentimento humano pela disposição em seguir a Cristo, protagoniza a reconfiguração prototípica do ser humano ao plano divino da salvação.

A renúncia à soberba e o reconhecimento humano de que somente Deus é o absolutamente necessário “é o princípio e fim de toda sabedoria”,¹² pois permite ao ser humano perceber a dinâmica

⁷ GUARDINI, Romano. *O mundo e a pessoa*, p. 49.

⁸ GUARDINI, Romano. *O mundo e a pessoa*, p. 65.

⁹ Cf. GUARDINI, Romano. *O mundo e a pessoa*, p. 67.

¹⁰ Cf. GUARDINI, Romano. *O mundo e a pessoa*, p. 68.

¹¹ Cf. GUARDINI, Romano. *O mundo e a pessoa*, p. 69.

¹² GUARDINI, Romano. *La aceptación de sí mismo*, p. 27.

da revelação de Deus na história, a qual emerge de seu próprio Ser. Deus não é uma realidade contingente, mas sim necessária, pois “está fundado em Si, está cheio de sentido e não necessita nenhuma explicação. A explicação de Deus é Ele mesmo. É assim porque é assim. E existe, em absoluto, porque é Deus. É o absolutamente óbvio, compreensível por Si mesmo”.¹³ Deus é essencialmente Senhor sobre o mundo e sobre Si mesmo, é onipotente. É o Ser por excelência (*Ex* 3,14), é mistério que transcende infinitamente a criação, e que, no entanto, empreende uma economia soteriológica, cujo intuito é tornar plena todas as suas criaturas.

O horizonte da liturgia é a revelação de Deus na história, pois “tudo na Igreja é sinal que nos remete para além de si, para Deus. Só depende de nós não nos determos na realidade visível e procurarmos chegar ao invisível, ao mistério, a Deus”.¹⁴ É preciso considerar com seriedade o conteúdo da revelação sobrenatural e todas as suas implicações na vida concreta.¹⁵ A automanifestação do mistério trinitário é a lei fundamental de toda liturgia.

Ao falar de liturgia, pensamos normalmente na ação humana, na execução do rito por parte dos ministros ou agentes humanos, mas com frequência nos esquecemos de que o verdadeiro agente, o autêntico protagonista, o centro e o conteúdo principal da ação ritual pertencem a Deus, no modo como ele é: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Se perdemos essa referência, se esquecemos desse sentido, reduzimos a liturgia a uma simples ação humana ou social. [...] O original de nossa liturgia não são tanto as formas quanto o conteúdo e o mistério. Não são tanto os agentes humanos quanto o “agente divino”. Não é tanto aquilo que se manifesta e se vê quanto aquilo que está presente e atua, mas não se vê.¹⁶

¹³ GUARDINI, Romano. *La aceptación de sí mismo*, p. 25.

¹⁴ MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*, p. 19.

¹⁵ Cf. GUARDINI, Romano. *La visione cattolica del mondo*, p. 42.

¹⁶ BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver*, p. 33.

A concretude imanente dos gestos simbólicos é o veículo intermediário da transcendência significativa do sagrado tornado célebre na ação litúrgica. “A liturgia é uma ação humana que tem o divino como interlocutor privilegiado. Na realidade, quem toma a iniciativa no diálogo sagrado é sempre Deus, e no fundo, toda oração litúrgica é sempre uma resposta a Ele.”¹⁷ O nome de Deus não pode ser pronunciado em vão, é indizível, não porque Deus é anônimo, mas justamente porque ele é o Nome. A liturgia é toda em Nome de Deus, e de um Deus encarnado, incorporado, tocado.¹⁸ O intocável se deixa tocar no rito feito de trocas, encontros, contatos.

A fim de ganhar em significado, é imprescindível um retorno às raízes simbólicas da liturgia. “O rito litúrgico, se não é constantemente mantido unido ao evento histórico do qual nasceu e do qual é memorial, torna-se ‘mudo’, ‘inexpressivo’, ou seja, se torna uma imagem que não coloca mais em contato com o Senhor que salva na história, com o Senhor vivente.”¹⁹ Uma sólida formação a respeito da teologia litúrgica poderá ajudar a celebrar de maneira mais consciente e participativa, e a adentrar na dinâmica da comunicação do sagrado através dos sinais e dos gestos que compõem a celebração litúrgica.

Entrar numa igreja, para quem tem fé, significa fazer parte de toda a história de fé de um povo, pertencer a ele inteiramente.²⁰ Nesse sentido, toda ação litúrgica, longe de ser um ato de abstração, tornar-se um ato de encarnação. Naquilo que se oferta, oferece-se a si mesmo, quer dizer, que nos dons que são apresentados, é a comunidade que se coloca sobre o altar.²¹ Como a Igreja reza, estabelece

¹⁷ Cf. COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*, p. 27.

¹⁸ Cf. BONACCORSO, Giorgio. *Presentazione*, p. 9.

¹⁹ BOSELLI, Godofredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 26.

²⁰ Cf. BOSELLI, Godofredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 54.

²¹ Cf. BOSELLI, Godofredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 83.

o que a Igreja é, e não somente em que ela acredita.²² A *lex credendi* na liturgia determina o espírito e a postura com os quais se celebra.

Na origem de cada liturgia está o chamado de Deus e a resposta da assembleia de convocados. A Igreja é a casa comum de todos os fiéis. O ministro ordenado preside a assembleia, mas não a precede por ser ele mesmo também membro da assembleia que presta culto ao Senhor. O ministro também é um convocado por Deus. Os sujeitos celebrantes atuam numa ação comunitária e são chamados a responder com fé mediante uma participação criativa e responsável que supera uma assistência passiva do rito.²³ A consciência de celebrar como povo de Deus permite compreender que todos os ministérios e serviços litúrgicos convergem para uma comunicação pessoal e comunitária com o Senhor. É a Igreja toda que se congrega para comungar com o mistério divino da salvação. No entanto, para que isto aconteça, não basta uma liturgia puramente intelectual ou meramente adequada às normas litúrgicas, para que se efetive eficazmente a comunicação do mistério, é preciso celebrar integralmente, de corpo e alma. Os sinais, os símbolos e os ritos se referem à pessoa concreta, comunicam-se no momento atual e diante de experiências espirituais inseridas no contexto histórico.²⁴

2. Celebrar de corpo & alma

O que assume a atitude litúrgica, que reza, oferece e age não é apenas a alma, nem somente a interioridade, mas todo o homem, toda a mulher. “A ação litúrgica é interpretação de toda a realidade e conseqüentemente é também auto-reapresentação do ser humano, do mundo da vida dos crentes e igualmente representação e exegese do mundo.”²⁵ O ser humano inteiro é sujeito da atividade litúrgica.

²² Cf. BOSELLI, Godofredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 99.

²³ Cf. SCHERMANN, Josef. *Il linguaggio nella liturgia*, p. 131.

²⁴ Cf. SCHERMANN, Josef. *Il linguaggio nella liturgia*, p. 131.

²⁵ Cf. SCHERMANN, Josef. *Il linguaggio nella liturgia*, p. 95.

Integrado e integrador, todo ser humano e seu mundo estão imbricados na ação celebrativa. A alma também, mas somente enquanto se manifesta no corpo. A alma e a interioridade se manifestam e comunicam na corporeidade vivificada e operante que se expressa na ação litúrgica.²⁶ *Anima forma corporis* (a alma dá forma ao corpo), esta tese do Concílio de Viena (1311-1312),²⁷ revela aqui o seu pleno significado, alma é o princípio que dá forma, que vivifica e torna o corpo capaz de agir. Essa concepção integral do ser humano precisa ser recuperada na liturgia atual. Muitas expressões litúrgicas reductionistas são resultados de visões parciais e empobrecidas a respeito do ser humano.

Já no passado a gnose, o maniqueísmo e o puritanismo desprezaram o corpo para enaltecer a alma. Com algumas variáveis, concepções dualistas e monistas retornam a povoar a antropologia neste terceiro milênio e, não raras vezes, se expressam em nossas ações litúrgicas. Assim, nascem religiosidades intimistas, totalmente “interiorizadas”, restritamente espirituais, que desprezam o corpóreo até por meio de sacrifícios. É uma concepção dualista que pretende uma liturgia de pura interioridade que prescinde do corpo. Outras desprezam o espírito e reduzem tudo ao sensível, ao emocional, à integração do corpo ao universo cósmico. É preciso superar o dualismo e parar de ver a revelação como relevante apenas para certas partes da vida.²⁸

Com o fim do medievo, em especial com o advento da ciência e da técnica moderna, se evidenciou a separação entre a materialidade sensível, imagética e simbólica, e o puro espírito, radicalmente racionalizado. Dissociou-se corporeidade e espiritualidade. No afã de

²⁶ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 51.

²⁷ O Concílio de Viena, sob a direção do Papa Clemente V, afirma: “reprovamos como errônea e inimiga da verdade da fé católica toda doutrina ou proposição que temerariamente afirme ou ponha em dúvida que a substância da alma racional ou intelectiva não é verdadeiramente e por si forma do corpo humano” (DZ 481).

²⁸ Cf. FRESTON, Paul. *Fé bíblica e crise brasileira*, p. 111.

se encontrar a si mesmo, o ser humano acabou se perdendo.²⁹ Nesse sentido, é possível constatar que nunca houve tantas opiniões acerca do ser humano, sobre sua gênese e seu desenvolvimento, como na atualidade, e, apesar disso, nunca houve antes tanta incerteza, imprecisão e dúvidas sobre esse mesmo assunto.³⁰ Sendo assim, chega-se à conclusão de que não há maior problema filosófico e teológico como a questão do ser humano em sua essência e constituição.³¹ E a questão da importância de uma espiritualidade encarnada é totalmente dependente de uma antropologia de fundo que lhe dê bases sólidas e firmes onde se apoiar.

Uma visão integral do ser humano permite cultivar uma espiritualidade litúrgica que seja verdadeiramente interior, e ao mesmo tempo sensível à dimensão da corporeidade. Só assim é possível superar a dissociação moderna entre espiritualidade e corporeidade, unindo corpo e alma, na busca de uma espiritualidade encarnada, concomitante a uma corporeidade espiritual.³² A liturgia possui um aspecto claramente concreto, visível, simbólico, que não aliena da realidade, mas a assume como um memorial vivo que atua no hoje da história do homem concreto.³³ A existência humana caracteriza-se por uma peculiar tensão entre identidade pessoal e condicionamentos concretos em constante transformação, como numa metamorfose contínua ou perpétua mudança anímico-corporal.³⁴ Uma liturgia bem preparada precisa estar atenta a essa dinâmica antropológica e existencial.

A experiência da mistagogia litúrgica é uma experiência de sabedoria, diversa da pura intelectualidade ou da mera utilidade. “A sabedoria é algo diverso da inteligência aguda ou a prudência prática

²⁹ Cf. GUARDINI, Romano. *Le cose ultime*, p. 75-76.

³⁰ Cf. GOMES, Tiago de Fraga. O conceito de pessoa em Max Scheler, p. 1.

³¹ Cf. SCHELER, Max. *La idea del hombre y la historia*, p. 9.

³² Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 61-62.

³³ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 65.

³⁴ Cf. GUARDINI, Romano. *Las edades de la vida*, p. 47.

para a vida. É o que surge quando o absoluto e eterno se manifesta na consciência finita e transitória, de lá jogando luz sobre a vida.”³⁵ O mistério celebrado atinge a alma humana pelas vias da intelectualidade e da sensibilidade. Porém, como experiência de sabedoria, instrui e inspira uma caminhada de conversão e de amadurecimento pessoal e comunitário, através da ação na *psique* humana dos arquétipos de santidade que se expressam pela via simbólica.

O mistério celebrado na liturgia possui uma dimensão estética inegável que toca a sensibilidade humana, afetando todos os sentidos.³⁶ “A liturgia, como aliás a revelação cristã, tem uma ligação intrínseca com a beleza.”³⁷ Nesse sentido, para Santo Agostinho, a beleza é o esplendor da ordem; para Dostoievsky, o mundo será salvo pela beleza e a beleza é Cristo; de acordo com Hans Urs von Balthasar, a beleza rodeia sempre o verdadeiro e o bom.³⁸ O amor de Deus revelado no mistério pascal é a verdadeira beleza que transfigura o mundo.

Com o esplendor do ser, o belo coloca o homem todo numa espécie de convivência com o transcendente. Enquanto realidade metafísica, o belo é também realidade religiosa, na medida em que se torna lugar cósmico de irradiação do divino. O valor metafísico da beleza, como também sua importância religiosa, está no fato de ela ser mais do que um sinal ou uma alegoria. Ela “contém” a presença daquilo que simboliza. É o exemplo dos ícones e da cruz que revelam o mistério e a presença de Deus para além da madeira que lhes dá subsistência.³⁹

A estética litúrgica não deve ser considerada em seu aspecto meramente decorativo, mas diz respeito ao elemento essencial e constitutivo do mistério celebrado, o qual toca os sentidos do ser humano

³⁵ GUARDINI, Romano. *Las edades de la vida*, p. 105.

³⁶ Cf. BOROBIO, Dionisio. *Dimensión estética de la liturgia*, p. 23.

³⁷ BENTO XVI, Papa. *Sacramentum Caritatis*, n. 35.

³⁸ Cf. BOROBIO, Dionisio. *Dimensión estética de la liturgia*, p. 17-18.

³⁹ BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *A beleza que salva o mundo*, p. 36.

em sua integralidade. No entanto, é urgente cuidar com a tentação de uma liturgia excessivamente exterior,⁴⁰ pois a liturgia não é puro ativismo humano, nem se reduz a um simples ornamento estético. A liturgia enquanto vida divina que pulsa na Igreja é a materialização sacramental da vida da graça para usufruto humano, e enquanto tal deve ser cultivada em sua dupla dimensão constitutiva, espiritual e corpórea, pois a liturgia é símbolo vivo da vida sobrenatural da Igreja.⁴¹

A beleza não diz respeito apenas ao ornamento externo, mas é a transparência autêntica do conteúdo, o qual é o resultado das relações de verdade, bondade e unidade de algo. No caso específico da liturgia, o conteúdo verdadeiro, bom e uno é o próprio Deus, que na figura de Cristo, assume sensivelmente a natureza humana, revelando a beleza do amor infinito de Deus. São Tomás de Aquino ensina que Jesus é o horizonte onde repousa o Belo: “A beleza assemelha-se com aquilo que é próprio do Filho.”⁴² A encarnação do Verbo divino é o momento culminante em que o corpóreo é assumido pela divindade, sendo a economia do Verbo encarnado o fundamento de uma estética teológica e litúrgica.⁴³ A beleza da liturgia é semelhante à beleza de Cristo em sua constituição teândrica.⁴⁴

A liturgia deve buscar a beleza atualizando e expressando a “kénosis”, a “diakonía” e o “ágape” da cruz, e tornando possível que, por seus gestos e ritos, por sua ação global e sua harmonia, por seu abaixamento e serviço em amor entregue aos homens, transpareça o escandaloso e mais belo amor da cruz.⁴⁵

⁴⁰ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 84.

⁴¹ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 89.

⁴² “*Pulchritudo habet similitudinem cum propriis Filii.*” (*Summa Theologica* I, q. 39 a, 8c).

⁴³ Cf. BOROBIO, Dionisio. *Dimensión estética de la liturgia*, p. 26.

⁴⁴ Cf. BOROBIO, Dionisio. *Dimensión estética de la liturgia*, p. 28.

⁴⁵ BOROBIO, Dionisio. *Dimensión estética de la liturgia*, p. 29.

Na celebração litúrgica se faz presente a beleza redentora de Cristo pela atualização de sua entrega de amor por todos e por cada um. A contemplação estética do mistério pascal de Cristo ensina a não ignorar o sofrimento e a dor, mas a assumir a vida em todo seu realismo, e mesmo a reconhecer a beleza nos rostos desfigurados pela violência.⁴⁶ “É no mistério da cruz e ressurreição de Cristo, contudo, que a beleza se manifesta como salvação. É na cruz que o mais belo dos filhos do homem se oferece – no sinal paradoxal do contrário – ‘como o homem das dores’, diante do qual se cobre a face (Is 53,3).”⁴⁷ Semelhante a Cristo que é a imagem visível do Deus invisível (Cl 1,15), a estética litúrgica busca iconograficamente testemunhar o mistério inefável, e aspira a um encontro místico com o Senhor, à semelhança da dinâmica hipostática cristológica, cujo significado remete à plenitude da manifestação de Deus na história. Nesse sentido, toda liturgia almeja ser uma teofania através da qual se manifesta a presença viva e atuante de Deus junto ao seu povo. A liturgia, assim como a iconografia, estabelece os elementos exteriores e sensíveis como sendo secundários, destacando a interioridade e a transcendência como sendo a essência da realidade.⁴⁸

A Igreja possui uma densidade mística que emerge da graça divina e que ajuda a superar toda espécie de juridicismo doutrinal e institucional. “O próprio agir externo é oração, ato religioso; os tempos, os lugares, as coisas envolvidas no processo não são ‘decorações’ extrínsecas, mas sim elementos do ato compreensivo e deveriam ser realizados como tais.”⁴⁹ O rubricista produzirá um esteticismo ao dizer: precisamos organizar melhor a procissão de entrada, devemos cuidar que se cante e se reze melhor. Quando na verdade seria muito mais adequado se questionar: como o próprio caminhar pode se tornar

⁴⁶ Cf. BOROBIO, Dionisio. *Dimensión estética de la liturgia*, p. 30.

⁴⁷ BRUSTOLIN, Leomar Antônio. A beleza que salva o mundo, p. 41.

⁴⁸ Cf. BOROBIO, Dionisio. *Dimensión estética de la liturgia*, p. 32-33.

⁴⁹ GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 28-29.

um ato religioso que remete à ideia do Senhor que caminhava sobre a terra e durante o qual pode tornar-se uma epifania?⁵⁰

É necessário frisar que a comunidade orante no ato litúrgico não cultiva apenas a vida espiritual interior, mas o homem todo, em sua integralidade, espírito e corpo.⁵¹ Na liturgia, o espiritual e o corporal se integram na única pessoa celebrante. A dificuldade está em manter a unidade na dualidade, sem dualismo e nem monismo. A dificuldade de compreender essa unidade na dualidade assemelha-se à controvérsia cristológica para definir a união hipostática de Cristo: duas naturezas (humana e divina) numa única pessoa (Verbo encarnado) no Concílio de Calcedônia (451).⁵² Assim, é o ser humano inteiro o sujeito da liturgia cristã, por isso, não se trata de uma piedade puramente espiritual. O ser humano não é e nem deve ser considerado como um puro espírito, como os anjos. O que se pretende é chegar à perfeição como seres humanos que buscam a santidade num corpo permeado pela alma e numa alma que vive no corpo.⁵³ A vontade da perfeição não consiste que alguém deva esforçar-se para sair da configuração da própria essência para entrar numa outra.

⁵⁰ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 30.

⁵¹ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 28.

⁵² O Concílio de Calcedônia afirma contra os monofisistas que “segundo, pois, aos Santos Padres, todos a uma voz ensinam que há de confessar-se a um só e o mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, o mesmo perfeito na divindade e o mesmo perfeito na humanidade, Deus verdadeiramente, e o mesmo verdadeiramente homem de alma racional e de corpo, consubstancial com o Pai enquanto à divindade, e o mesmo consubstancial conosco enquanto à humanidade, semelhante em tudo a nós, menos no pecado (Hb 4,15); engendrado do Pai antes dos séculos enquanto à divindade, e o mesmo, nos últimos dias, por nós e por nossa salvação, engendrado da Virgem Maria, mãe de Deus, enquanto à humanidade; que se há de reconhecer a um só e o mesmo Cristo Filho Senhor unigênito em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação, em modo algum suprimido a diferença de naturezas por causa da união, mas conservando, mais bem, cada natureza sua propriedade e concorrendo em uma só pessoa e em uma só hipóstase, não partido ou dividido em duas pessoas, mas um só e o mesmo Filho unigênito, Deus Verbo Senhor Jesus Cristo, como antigamente sobre Ele nos ensinaram os profetas, e o mesmo Jesus Cristo, e nos transmitiu o Símbolo dos Padres” (DZ 148).

⁵³ GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 57.

Bruno Forte resume, por meio de uma oração, como na liturgia, o que ocorre na carne, concomitantemente acontece na alma:

Senhor, é uma história de amor e de fidelidade que tu inicias sempre de novo em nós. A carne é lavada, para que a alma seja purificada; a carne é unguida, para que a alma seja consagrada; a carne é assinalada, para que a alma seja fortificada; a carne é nutrida pelo corpo e sangue de Cristo, para que a alma seja saciada de Deus. Ajuda-nos a corresponder a esse dom da tua misericórdia por nós, ó Deus fiel que sempre renovas o teu amor por nós. Amém!⁵⁴

Em contraposição a essa concepção, emergem na contemporaneidade, espiritualidades que dissociam corpo e alma. É o que ocorre, por exemplo, com o monismo que sustenta ser o corpo e a alma uma só realidade da unidade vivente. O corpo é tido como a condensação da alma e a alma como o lado interno do corpo, como se fosse um anexo do corpo.⁵⁵ Vê-se assim emergir variadas formas populares de panteísmo. A concepção dualista é hostil ao corpo e destrói qualquer possibilidade de interação. Já no monismo panteísta, com a unificação, anula-se a interior tensão que cria a vida. No dualismo não se compreende que a alma é a forma do corpo, no monismo, não se entende a transcendência além da matéria e do sensorial, ou seja, que a alma existe em si mesma.

Segundo Romano Guardini é preciso recuperar o sentido do simbólico para superar tanto o monismo quanto o dualismo na liturgia. Símbolo não é alegoria. Alegoria conecta um significado a uma realidade externa fixada por convenção ou por hábito. No símbolo o interior está conectado com o exterior de tal forma que não poderia ser de outro modo. A relação simbólica por antonomásia é aquela entre corpo e alma. O corpo humano é a analogia da alma na ordem

⁵⁴ FORTE, Bruno. *Piccola mistagogia*, p. 45.

⁵⁵ GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 52.

do visível e do corpóreo. Na liturgia, o ser humano se coloca como criador e contemplador de símbolos. Ele prega e age com alma e corpo. Isso ocorre já com a palavra na qual se cumpre a primeira encarnação da interioridade.⁵⁶ A consciência dessa realidade deve permear toda a *lex orandi* na liturgia.

3. Formar para a *lex orandi*

Faz-se urgente uma vigorosa formação litúrgica aos fiéis. A Igreja precisa de uma liturgia: séria, simples e bela; veículo do mistério; inteligível e capaz de narrar a perene Aliança de Deus com a humanidade. O que preocupa são: as novas gerações mal nutridas na fé; os jovens e as pastorais que não as alimentaram para a vida litúrgica; a catequese que percorre ainda caminhos paralelos à liturgia; velhos formalismos; as atuais liturgias, na maioria das vezes, caíram numa rotina e promoveram a resignação.

É importante recordar que aquilo que é espetacular encanta os olhos de todos, mas não converte o coração de ninguém. No cristianismo, o essencial é e permanece invisível aos olhos. Os fáceis sentimentos e os afetos superficiais, por longo tempo não alimentam a vida do fiel, que, ao contrário, tem necessidade do alimento da Palavra de Deus e da Eucaristia, os quais desde sempre constituem o único alimento sólido e substancial do cristão.

A Igreja não é um clube de amigos que se escolheram uns aos outros, e a liturgia não é um concerto musical, embora a qualidade da música e do canto deve ser indiscutivelmente muito boa. A assembleia litúrgica é reunião daqueles que Cristo convocou e que atenderam ao chamado. Os limites que encontramos na liturgia, contudo, são expressão da condição humana, por se tratar de uma assembleia concreta, e não de uma assembleia ideal que não existe.

⁵⁶ GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 60.

Segundo Guardini, a primeira tarefa da formação litúrgica é a de tornar o humano de hoje novamente capaz de símbolos. Desde a era moderna, essa relação foi enfraquecida, e na busca de uma espiritualidade “pura”, sem resíduos corpóreos, desencarnada, acabou-se cedendo o lugar do símbolo para o abstrato (que não é concreto, resultado de um alheamento). Dissolveu-se a unidade entre corpo e alma e agora muitos não compreendem mais o que une o divino ao humano, a criatura ao Criador. De um lado, tudo se tornou tão espiritual que nada mais é capaz de tocar a realidade da vida como ela é. De outro, buscou-se uma imanência tão grande que se vive uma liturgia sem mistério, resultado de uma corporeidade material que não é mais humana, porque não é mais informada pela alma, ela é inumana. Empobreceu-se a liturgia viva e, em seu lugar, entrou uma religiosidade ulterior, mais cerimoniosa do que celebrativa.

Para o ato litúrgico assume especial importância o realizar-se da comunhão. O sujeito direto desta é cada fiel, não como indivíduo isolado, mas enquanto membro da comunidade na qual Cristo está presente. Este é o sentido de pronunciar o “nós” na oração.⁵⁷ Sendo assim, a tendência ao isolamento e à privatização da experiência religiosa na atualidade se expressam na aversão ao outro e faz crescer propostas intimistas de espiritualidades (eu-Deus e não nós-Deus) que se traduzem em muitas celebrações e devoções participadas por fiéis católicos. Ora, a Igreja só existe na experiência do indivíduo que continuamente é chamado a viver em comunidade a expressão do seu encontro com Deus. Só assim ele se manifesta como membro da Igreja, da Assembleia reunida em torno de Cristo.

Os ritos são ações que envolvem toda a pessoa e a inteira comunidade: o gesto, a música, o perfume, a imagem, o espaço, tudo converge para o encontro entre Deus e o ser humano. Contudo, “tem-se a impressão que hoje a liturgia seja percebida como um problema a

⁵⁷ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*, p. 32.

resolver mais do que uma fonte da qual beber. O futuro do cristianismo no Ocidente, porém, depende em grande medida, da capacidade que a Igreja terá de tornar a liturgia a fonte da vida espiritual dos fiéis”.⁵⁸ A norma da oração precisa fluir naturalmente do significado profundo emergente da teologia e da espiritualidade litúrgica.

Considerações finais

No momento atual é preciso acolher e responder adequadamente a uma necessidade dos fiéis que manifestam geralmente de modo confuso e ambíguo que as atuais liturgias sejam rubricistas ou espetaculares e não saciam a sede de Deus dos que as procuram. É necessário discernimento pastoral para cada caso em particular. Alguns querem encontrar uma atmosfera mais orante e mais meditativa na liturgia, uma celebração mais espiritual e menos convival. Mais contemplativa e menos festiva. Menos palavras e mais Palavra. Menos sinais improvisados e mais significados realizados. Cabe ressaltar algumas características da festa da fé: interior, silenciosa, calma e sóbria. Isso não quer dizer intimismo e nem desprezo pelo corporal e sensível que é indispensável na liturgia.

É imprescindível recuperar a primazia da interioridade diante de celebrações que reduzem o culto à exterioridade, como se o ritual dependesse de uma *performance* de quem está atuando na assembleia. Essa exterioridade pode estar mascarada sob um intimismo religioso, mas sempre esquece a dimensão mistagógica da liturgia. Isso implica em repensar o que consideramos “participação ativa”, aspecto irrenunciável da *Sacrosanctum Concilium*.⁵⁹ Equivocadamente

⁵⁸ BOSELLI, Godofredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 8.

⁵⁹ O Concílio Vaticano II afirma na *Sacrosanctum Concilium* que para que haja fecundidade espiritual, “é necessário que os fiéis se acerquem da sagrada liturgia com disposições de reta intenção, adaptem a mente às palavras, e cooperem com a graça divina” (SC 11), ou seja, “é desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige” (SC 14). A participação consciente e ativa na liturgia é um direito e um dever dos fiéis cristãos, e é a fonte de onde haure “o espírito genuína-

entendeu-se essa participação ativa como a exteriorização da liturgia: necessidade de exprimir os sentimentos, de manifestar emoções na busca de um clima mais de encontro e festa.

A exigência de uma interioridade séria e sóbria vem especialmente dos jovens. “Hoje se assiste a um verdadeiro e genuíno paradoxo: aqueles jovens, aos quais se propõem liturgias espetaculares e de massa, estão na realidade em busca de maior interiorização de sua relação com Deus também através de uma liturgia mais meditativa e contemplativa.”⁶⁰ Quem busca a liturgia católica não está atrás de emoções fortes, mas procura a consolação profunda, capaz de fortalecer uma fé frequentemente posta à prova. Procura a fé sólida que provém do Evangelho. Procura a esperança certa que vem do perdão dos próprios pecados e da reconciliação fraterna. Procura a caridade sincera que favorece a comunhão com o corpo de Cristo.

O “sentido de mistério” é a certeza de que Deus atua em toda e qualquer circunstância, mesmo no meio dos aparentes fracassos.⁶¹ Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar um encontro pessoal e comunitário com o mistério de Cristo, que leve a uma conversão pessoal, sem a qual, não há conversão pastoral.⁶² Segundo Guardini, “quando Deus me olha, não é como quando um homem olha outro homem, isto é, quando um ser acabado olha outro ser acabado, mas é o olhar de Deus que me cria”.⁶³ O olhar de Deus é fonte de graças para o ser humano. Por isso, a Igreja precisa menos de funcionários do culto, cujas celebrações são apagadas e sem alma, e mais de pessoas

mente cristão” (SC 14). A participação na ação litúrgica não deve ser entendida de maneira rubricista ou legalista, no sentido de buscar uma celebração que seja apenas “válida” e “lícita”, mas é fundamental “que os fiéis participem dela conscientemente, ativa e frutuosamente” (SC 11). Sendo assim, é possível afirmar que não há uma “boa celebração” sem a “boa disposição” dos fiéis.

⁶⁰ BOSELLI, Godofredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 198.

⁶¹ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, n. 279.

⁶² CELAM. *Documento de Aparecida*, n. 370.

⁶³ GUARDINI, Romano. *O mundo e a pessoa*, p. 48.

apaixonadas por Deus, que transmitam com vitalidade e vigor a vida do Ressuscitado.⁶⁴

Bibliografia

- AQUINO, Tomás de. *Summa Theologica*. 4. ed. Paris: Bibliopolae, 1939. Vol. 1.
- BENTO XVI, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BONACCORSO, Giorgio. Presentazione. In: SCHERMANN, Joseph. *Il Linguaggio nella Liturgia*: i segni di un incontro. Assisi: Cittadella Editrice, 2004.
- BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver*: liturgia e sacramentos da Igreja. Trad. Francisco Gomes Figueiredo de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *Dimensión estética de la liturgia*: arte sagrado y espacios para la celebración. Buenos Aires: Agape Libros, 2013.
- BOSELLI, Godofredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. Brasília: Ed. CNBB, 2014.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. A beleza que salva o mundo: a experiência religiosa do belo. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 31, n. 131, p. 29-49, Mar. 2001.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: COSTA, Lourenço (Org. Geral). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 2007, p. 33-86.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Brasília: Ed. CNBB, 2014 (Documentos da CNBB, 99).
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Ame-

⁶⁴ Cf. SELLA, Adriano. *Por uma Igreja do Reino*, p. 134.

- ricano e do Caribe. 3. ed. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.
- COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*: participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- DENZINGER, Enrique. *El Magisterio de la Iglesia*: manual de los símbolos, definiciones y declaraciones de la Iglesia en materia de fe y costumbres. Barcelona: Herder, 1955.
- FORTE, Bruno. *Piccola mistagogia*: introduzione spirituale alla fede. Milano: San Paolo, 2000.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRESTON, Paul. *Fé bíblica e crise brasileira*: poses e política, esoterismo e ecumenismo. São Paulo: ABU, 1992.
- GOMES, Tiago de Fraga. O conceito de pessoa em Max Scheler. In: BRUSTOLIN, Leomar Antônio; FONTANA, Leandro Luis Bedin (Orgs.). *Anais do Seminário Internacional de Antropologia Teológica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2016, p. 1-10.
- GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*. Trad. Giulio Colombi. Brescia: Morcelliana, 2008.
- _____. *La aceptación de sí mismo*. Trad. José María Valverde. Buenos Aires: Lumen, 2011.
- _____. *Las edades de la vida*. Trad. José María Valverde. Buenos Aires: Lumen, 2011.
- _____. *La visione cattolica del mondo*. 2. ed. Trad. Giulio Colombi. Brescia: Morcelliana, 2005.
- _____. *Le cose ultime*: la dottrina cristiana sulla morte, la purificazione dopo la morte, la resurrezione, il giudizio e l'eternità. 2. ed. Trad. Gabriela de' Grandi. Milano: Vita e Pensiero, 1997.
- _____. *O mundo e a pessoa*: ensaio para uma doutrina cristã do homem. Trad. Fernando Gil. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.
- MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

SCHELER, Max. *La idea del hombre y la historia*. Trad. Juan José Oliveira. Buenos Aires: Fausto, 1996.

SCHERMANN, Joseph. *Il Linguaggio nella Liturgia: i segni di un incontro*. Assisi: Cittadella Editrice, 2004.

SELLA, Adriano. *Por uma Igreja do Reino: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial*. 2. ed. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2011.

Recebido em: 27/04/2017

Aprovado em: 19/10/2017